

UM PATRIMÓNIO PARTILHADO

PEDRO ADÃO E SILVA, MINISTRO DA CULTURA

a Revolução do 25 de Abril teve duas características que a tornam bastante singular do ponto de vista histórico. Primeiro, porque o MFA traçou desde o início o objetivo de criar um regime democrático. Não há muitos casos de revoluções – e ainda menos desencadeadas por um golpe militar – que imediatamente se orientem para a criação de uma sociedade pluralista e democrática. Temos a felicidade de ter vivido um desses raros casos, e penso que é por isso que os portugueses guardam uma memória positiva, um certo e justificado orgulho naquela data.

A segunda singularidade é que a libertação do povo português, a 25 de Abril, esteve diretamente associa-

da ao fim do colonialismo. Foi a guerra que então se travava nas antigas colónias, ao preço de incalculáveis sofrimentos, que constituiu o ímpeto decisivo para a ação dos capitães de Abril. A Revolução desatou o nó de uma guerra sem solução quando o MFA anunciou o propósito de descolonizar. Mas, se a Revolução portuguesa abriu espaço ao reconhecimento da independência dos países africanos, não é menos exato dizer que foram também as lutas dos povos colonizados que permitiram libertar Portugal.

As comemorações dos 50 anos da nossa Revolução portuguesa são por isso ocasião para lembrar que o 25 de Abril é um património partilhado. No longo tempo da história, meio século não é muito tempo, mas creio

que é chegada a hora de sermos capazes de revisitar o nosso passado comum pelo olhar dos outros. Isso é ainda mais importante quando há centenas de milhares de portugueses que são filhos e netos daqueles que sofreram na pele a experiência colonial. As comemorações dos 50 anos do 25 de Abril são uma evocação do passado, mas também um momento para olhar para o país que a democracia construiu e para o que – no respeito pelos princípios definidos naquele dia – ainda queremos fazer.

50 ANOS DO 25 DE ABRIL: UM OLHAR SOBRE AMÍLCAR CABRAL

POR MARIA INÁCIA REZOLA (COMISSÁRIA EXECUTIVA PARA AS COMEMORAÇÕES DOS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL)

a 24 de setembro de 1973, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) declarou unilateralmente a independência da Guiné-Bissau. Amílcar Cabral (Bafatá, 1924 — Conacri, 1973) já não assistiu à cerimónia realizada em Lugajol (Madina do Boé), dado ter sido assassinado em janeiro desse ano. No entanto, o seu nome é indissociável da luta que conduziu a esse momento, assim como de valores mais amplos, atuais e universais, como o humanismo e o anticolonialismo.

Agrónomo, líder nacionalista, fundador e secretário-geral do PAIGC, Cabral foi um revolucionário e homem de ação, cujo empenho na guerra de guerrilha contra o colonialismo português foi acompanhado por um pensamento e uma intensa ação diplomática que projetaram essa luta muito para além das fronteiras das então colónias portuguesas.

Evocar Cabral é também uma forma de recuperar os seus contributos para a literatura da libertação nacional, da resistência e da afirmação das culturas africanas. Dado o papel fulcral que as lutas anticoloniais tiveram no fim da ditadura, é também uma forma de celebrar os 50 anos do 25 de Abril e da democracia portuguesa.

As comemorações em curso, que decorrem num arco temporal longo, entre 2022 e 2026, pretendem ser um catalisador de uma consciência coletiva democrática e cidadã. Com uma visão integradora, na qual todos são chamados a participar, têm como eixo os três Ds do Programa do MFA — descolonizar, democratizar e desenvolver — e os princípios e valores que lhe estão subjacentes: paz, liberdade, democracia e progresso. O objetivo é contribuir para uma sociedade mais participativa, plural, democrática e conhecedora da sua história recente. Num momento em que se celebram os 50 anos do 25 de Abril, esta exposição convida-nos a conhecer e refletir sobre o pensamento, a ação e a memória de Amílcar Cabral.

Meio século volvido sobre a sua morte, Cabral mantém-se um ícone humanista da luta contra o colonialismo, o imperialismo e o racismo, num elo entre o passado e o futuro. Na evocação de 50 anos de liberdade e democracia, a sua vida traz ao espaço da história e da memória debates que se mantêm atuais e que são imprescindíveis para pensarmos os próximos 50 anos de democracia.